

## INTERNACIONAL SITUACIONISTA E LAZER: UMA ANÁLISE DO DISCURSO

Mateus Alexandre Alves\*

### Introdução

Há diversas produções intelectuais que tentam apreender e expressar o lazer tal como este existe na realidade. Todavia, em decorrência da divisão social da sociedade capitalista, essas produções intelectuais não são homogêneas, tendo diversas perspectivas e abordagens acerca do mesmo. A principal determinação para a maioria das análises sobre o lazer é a força da hegemonia burguesa. Por vezes, os interesses de classe, os valores, os sentimentos etc. de cada autor acabam limitando a análise efetuada sobre um fenômeno específico. A realidade é, então, reduzida à sua aparência, e a aparência é idealmente estendida à totalidade da realidade; quer dizer, a realidade concreta é substituída, no plano do pensamento, pela realidade abstratificada. Um exemplo que ilustraria este processo seria um dos autores mais influentes do lazer — Dumazedier —, que analisa-o focando em sua função (DUMAZEDIER, 2008), desprezando as outras diversas determinações desse fenômeno a partir da influência do funcionalismo (ALMEIDA, 2021). O interessante é reconhecer que o funcionalismo era uma das ideologias mais vigentes na época em que este autor produziu suas principais obras. Contudo, existem produções intelectuais que tentam escapar da força da hegemonia burguesa, e conseguem ir além dos limites da consciência burguesa, do modo de pensar burguês.

O objetivo do presente trabalho é exatamente discutir uma dessas diversas concepções sobre o lazer que tenta escapar da força devastadora da hegemonia burguesa — a concepção da Internacional Situacionista, uma organização política influenciada pelo marxismo autêntico e, por essa razão, possuiu uma concepção *sui generis* de lazer, pois não o enxergava de forma apologética, e sim de forma crítica. Buscaremos, portanto, neste trabalho, responder o seguinte problema de pesquisa: “qual a noção de lazer para a Internacional Situacionista? ”.

---

\* Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás com Habilitação em Políticas Públicas. Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Investigador do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Movimentos Sociais (NEMOS) e do Núcleo de Estudos sobre Capitalismo e Contestação Social (NECCSO)

A Internacional Situacionista (IS) foi criada em julho de 1957 a partir da fusão de três grupos: a Internacional Letrista (de onde veio Debord e Michèle Bernstein), o Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista e a Associação Psicogeográfica de Londres (se resumia a um só integrante, Ralph Rumney). Teve, ao longo de seus 12 anos de existência, um total de 70 integrantes (HENRIQUES, 1997). A Internacional Situacionista também publicava uma revista homônima (“Internationale Situationniste”) que teve 12 números publicados, onde expressava as principais posições dos membros da organização. Nesta revista, foram abordados diversos temas, tais como a crítica da vida cotidiana, a arte, urbanismo, questões sobre a organização revolucionária, conselhos operários, o lazer, entre diversos outros. A fim de responder satisfatoriamente nosso problema de pesquisa, analisaremos exatamente as vezes que o lazer foi abordado nesta revista. Porém, como a Internacional Situacionista não possui nenhum texto no qual discute o conceito de lazer de forma mais profunda e detalhada, a análise rigorosa do uso deste termo no conjunto da revista nos permitiu entender o significado implícito de sua noção de lazer.

### **Discurso Político e Método de Análise**

O método dialético se ancora em uma concepção de realidade, na qual enxerga-se ela como concreto e o concreto seria a síntese de múltiplas determinações (MARX, 2008). Isto significa que os fenômenos reúnem em si diversas determinações em sua própria manifestação concreta e, por isso, Marx afirma que o concreto é uma unidade da diversidade (MARX, 2008). Em vista disso, a manifestação concreta de um fenômeno nada mais seria do que a essência desse fenômeno se relacionando com as outras diversas determinações do mesmo. Desse modo, o objetivo do método dialético é descobrir as múltiplas determinações de um fenômeno, com destaque para a sua determinação fundamental, sua essência.

O fenômeno que é nosso foco na presente pesquisa é a noção de lazer para a Internacional Situacionista e descobriremos isso através da análise do discurso manifestado na revista dessa organização política. Portanto, antes mesmo da análise de fato, devemos realizar algumas considerações sobre a especificidade do discurso político, bem como os momentos da análise do mesmo.

Em primeiro lugar, devemos entender que o discurso é

uma manifestação concreta e delimitada da linguagem. As suas partes constitutivas são a estrutura e a conjuntura e o caráter de sua estrutura é unissêmico. Isto quer dizer que o discurso é algo concreto e delimitado, ou

seja, é sempre o discurso de um autor, de uma escola, de um grupo social, etc., que possui uma estrutura unissêmica e é uma totalidade (VIANA, 2009, p. 17).

Todo discurso é, por conseguinte, constituído social e historicamente. O caráter social e histórico do discurso, por sua vez, é fundamentado por este ser expressão de relações sociais específicas fruto da consciência - individual ou coletiva -, seja de uma pessoa, uma instituição, ou uma organização política etc. Marx, n'a *Ideologia Alemã*, já reconhecia que a consciência dos seres humanos é constituída socialmente.

A consciência é, naturalmente, antes de tudo a mera consciência do meio sensível mais imediato e consciência do vínculo limitado com outras pessoas e coisas exteriores ao indivíduo que se torna consciente; ela é, ao mesmo tempo, consciência da natureza que, inicialmente, se apresenta aos homens como um poder totalmente estranho, onipotente e inabalável, com o qual os homens se relacionam de um modo puramente animal e diante do qual se deixam impressionar como o gado; é, desse modo, uma consciência puramente animal da natureza (religião natural) – e, por outro lado, a consciência da necessidade de firmar relações com os indivíduos que o cercam constitui o começo da consciência de que o homem definitivamente vive numa sociedade (MARX; ENGELS, 2007, p. 35).

Sendo assim, o discurso não pode ser totalmente compreendido apartado das relações sociais constituídas por seu produtor, pois “a consciência não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real” (MARX; ENGELS, 2007, p. 94). Então, o processo de vida real dos seres humanos é uma determinação importante para a constituição de um determinado discurso.

Uma vez compreendido que o discurso é expressão de determinadas relações sociais constituídas por seres humanos, resta-nos agora compreender que existem diversas formas de discursos e que este não é homogêneo; *quer dizer*, um discurso possui suas especificidades dependendo de quem o produziu, pois este expressa diferentes relações sociais. Para facilitar o entendimento, podemos perceber que o discurso produzido por um conjunto de vereadores ou deputados em seu local de trabalho se difere bastante do discurso produzido por algum estudante numa escola, de uma pessoa em sua vida cotidiana ou por algum grupo político específico.

Os gêneros de discurso constituem, de alguma maneira, os átomos da atividade discursiva. Mas eles só adquirem sentido quando integrados a unidades de classe superior, os *tipos de discurso*. [...] Um panfleto político, por exemplo, é um gênero discursivo a ser integrado em uma unidade mais complexa, constituída pela rede dos gêneros decorrentes do mesmo tipo de discurso, no caso, o político. [...] Tipos e gêneros de discurso estão, assim, tomados por uma relação de reciprocidade: todo tipo é uma rede de gêneros; todo gênero se reporta a um tipo. De fato, tipo de discurso é uma noção que deve ser refinada. Certamente, um panfleto é decorrência do discurso político, mas ele também participa de outra unidade: o posicionamento do grupo que assume a responsabilidade por ele (pode se tratar de um panfleto anarquista, comunista, centrista, de extrema-direita etc.), posicionamento que implica um campo discursivo, isto é, um espaço no qual confrontam os diversos posicionamentos

políticos. [...] Como estes exemplos mostram, a noção de tipo de discurso só é pertinente se permanecer vaga. Por isso, é necessário aprofundar o trabalho de esclarecimento. Pode-se fazer um gênero de discurso entrar em três modos de agrupamento, segundo o ponto de vista que se privilegie: **a esfera de atividade, o campo discursivo e o lugar de atividade**. Os gêneros políticos, por exemplo, podem ser tratados segundo os objetivos da pesquisa: (i) como gêneros da esfera de atividade política; (ii) como decorrendo de um posicionamento, pelo qual se raciocina em termos de “esquerda”, de “direita”, de “centro”; (iii) como gêneros produzidos no interior de diversos lugares de atividade política (a sede de um partido, um congresso, a Câmara dos Deputados) (MAINGUENEAU, 2015, p. 67, negrito meu).

Sendo assim, o discurso da Internacional Situacionista, que é um discurso produzido por uma organização política, é um discurso que possui especificidades que devem ser levadas em consideração para compreender totalmente seu discurso. Como mostrado na citação acima, o discurso político tem a especificidade de apresentar posicionamentos em relação à sociedade, expressando uma certa correlação de forças entre o posicionamento defendido ou/e combatido por este. Feito estas breves considerações sobre o discurso e algumas de suas especificidades, podemos avançar para os momentos da análise, de fato, do discurso. Aqui dividiremos estes momentos em: escrito, sobrescrito e subscrito.

O escrito é o discurso explícito, manifesto concretamente e que constituirá nosso *corpus de análise* (VIANA, 2019). Como queremos descobrir a noção de lazer da Internacional Situacionista, escolhemos os principais artigos que tratam deste tema. Isso posto, o escrito será constituído por oito artigos dos quais julgamos demonstrar, de forma mais acabada, a concepção de lazer da Internacional Situacionista. São eles: Os Situacionistas e a Automação (1958); Contribuição para uma Definição Situacionista de Jogo (1958); Manifesto (1960); O Uso do Tempo Livre (1960); Instruções para uma Insurreição (1961); Perspectivas para Mudanças Conscientes na Vida Cotidiana (1961); Questionário (1964); e Esboço de Descrição psicogeográfica dos Les Halles de Paris (1958).

O sobrescrito são as determinações externas ao discurso, constituído pelo contexto social, cultural e discursivo (VIANA, 2019). Neste momento da análise, é importante esclarecermos o momento histórico em que foi produzido o discurso, a hegemonia que marca esta época e a correlação de forças políticas tanto no lugar da produção do discurso quanto no interior da organização da Internacional Situacionista.

Por fim, o último momento da análise será o subscrito, que é o oculto, onde se manifesta os valores, representações etc no discurso (VIANA, 2019). Em nosso trabalho, focamos na noção implícita de lazer através da análise do escrito (os artigos escolhidos

na revista da Internacional Situacionista) e o sobrescrito (o processo de constituição desse discurso).

### **O Escrito: A Revista Internacional Situacionista e o Lazer**

Como mencionado anteriormente, o escrito é o nosso *corpus* de análise. Iniciamos, então, nossa análise com o artigo *Os Situacionistas e a Automação*, escrito por um membro da IS chamado Asger Jorn, onde há uma discussão sobre a posição dos situacionistas diante do desenvolvimento tecnológico que possibilita uma maior automação no processo de trabalho, diminuindo o tempo de trabalho e aumentando o tempo de lazer. “A automação está agora no cerne do problema da dominação socialista sobre a produção e no da primazia do lazer sobre o tempo de trabalho. A questão da automação é a que concentra mais possibilidades positivas e negativas” (JORN, 2003a, p. 74). Ao analisar os pontos negativos e positivos da automação, Jorn escreve que

os novos lazeres parecem um abismo que a sociedade atual procura preencher apenas com novos pseudojogos ridículos. Esses lazeres são também a base sobre a qual se pode erguer a mais grandiosa construção cultural jamais imaginada. É evidente que tal objetivo não convém ao círculo de interesse dos adeptos da automação. É até antagônico à tendência direta da automação. Se queremos discutir como engenheiros, convém entrar em sua área de interesse. Maldonado, que dirige atualmente em Ulm a *Hochschule für Gestaltung*, explica que o desenvolvimento da automação está comprometido porque os jovens não sentem entusiasmo para lançar-se na via politécnica, com exceção dos especialistas nos próprios fins da automação, desprovidos de uma perspectiva geral da cultura. Mas Maldonado, que deveria mostrar essa perspectiva geral, ignora-a completamente: *a automação só se pode desenvolver rapidamente a partir do momento em que estabelece como objetivo uma perspectiva contrária a seu próprio estabelecimento, e se souberem realizar tal perspectiva geral à medida que a automação se desenvolva*. Maldonado propõe o contrário: primeiro estabelecer a automação, e depois o seu uso. [...] Pierre Drouin, ao falar no *Le Monde* de 5 de janeiro de 1957 sobre a extensão dos *hobbies* como realização das virtualidades que os trabalhadores já não conseguem utilizar em sua atividade profissional, conclui que em cada homem “há um criador adormecido”. Essa velha banalidade é muitíssima atual se ligarmos às reais possibilidades materiais de nossa época. O criador que está adormecido precisa acordar, e seu estado de vigília pode ser chamado de situacionista (JORN, 2003a, p. 76-77).

A automação é defendida por Jorn na medida em que ela pode se desenvolver no intuito de satisfazer as potencialidades e necessidades autênticas humanas. Entretanto, se a automação se desenvolver no interior da sociedade capitalista, buscando satisfazer as necessidades do capitalismo, significaria um aumento do tempo disponível para se dedicar a “pseudojogos ridículos” e que não significam um enriquecimento real da vida humana. É importante compreendermos o conceito de “jogo” para os situacionistas, uma vez que o lazer, neste texto, seria um conjunto de “pseudojogos ridículos”. O “jogo” seria “a criação comum das ambiências lúdicas escolhidas” (INTERNACIONAL

SITUACIONISTA, 2003b, p. 60), ou a “experimentação permanente de novidades lúdicas” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2003b, p. 61), cujo objetivo seria “provocar condições favoráveis para viver a vida de forma direta” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2003b, p. 61). Em um artigo intitulado *Manifesto*, a Internacional Situacionista ilustra a relação do jogo com a superação do trabalho alienado e do lazer passivo.

Quais são as perspectivas de organização da vida numa sociedade que, autenticamente, “reorganize a produção com base na associação livre e igual dos produtores”? A automatização da produção e a socialização dos bens vitais vão reduzir cada vez mais o trabalho como necessidade exterior e darão, enfim, completa liberdade ao indivíduo. Assim liberado de toda responsabilidade económica, liberado de todas as suas dívidas e culpabilidades para com o passado e para com outrem, **o homem disporá de um novo mais-valor, incalculável em dinheiro porque irreduzível à medida do trabalho assalariado: o valor do jogo, da vida livremente construída**. O exercício dessa criação lúdica é à garantia da liberdade de cada um e de todos, no âmbito da única igualdade garantida pela não-exploração do homem pelo homem. **A libertação pelo jogo é sua autonomia criativa, que supera a antiga divisão entre o trabalho imposto e os lazer passivo** (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2003c, p. 126, grifos nossos).

O jogo é definido como “a vida construída livremente”. E o lazer, sendo um “pseudojogo”, é um conjunto de atividades que, na aparência, é a construção livre da vida, mas, pelo contrário, é a vida constituída de forma controlada. Portanto, o tempo disponível para o lazer representaria tanto uma possibilidade de erguer “a mais magnífica construção cultural jamais imaginada” quanto se dedicar a atividades controladas, executadas pelos indivíduos de forma passiva.

Essa discussão sobre tempo livre é aprofundada no artigo *O Uso do Tempo Livre*, onde há uma discussão sobre como os trabalhadores, ao terem um maior tempo disponível fora do trabalho, utilizam do seu “tempo livre”. Para a Internacional Situacionista, esse “tempo livre” é gerado pelas necessidades do capitalismo em aumentar o consumo e, ao mesmo tempo, estagnar o movimento operário através de atividades controladas e vazias. Por isso, a IS critica alguns intelectuais que enxergam o lazer de forma apologética e aponta para a necessidade de se pensar para além daquilo que é oferecido pela sociedade capitalista.

O chavão mais superficial e constantemente reiterado dos sociólogos de esquerda nos últimos anos é que o lazer se tornou um fator importante na sociedade capitalista avançada. Esta banalidade é a base de inúmeras debates a favor ou contra a importância de uma elevação reformista do padrão de vida, ou da participação dos trabalhadores nos valores predominantes da sociedade na qual estão se integrando cada vez mais. O que é contra-revolucionário em todo esse palavreado é que ele iguala o tempo livre com consumo passivo, como se o único uso do tempo livre fosse a oportunidade de se tornar um

espectador cada vez mais em tempo integral dos absurdos predominantes. As ilusões manifestadas em um simpósio particularmente pesado desses sociólogos (Argumentos #12-13) foram profundamente refutado em dois artigos em Socialisme ou Barbarie #2 e #7. No primeiro, Canjuers escreveu: "Enquanto o capitalismo moderno desenvolve constantemente novas necessidades para aumentar o consumo, a insatisfação das pessoas continua a mesma de sempre. Suas vidas não têm mais nenhum significado além de uma pressa de consumir, e esse consumo é usado para justificar a frustração cada vez mais radical de qualquer atividade criativa — a ponto de as pessoas nem mais verem essa falta de significado tão importante". No segundo artigo, Jean Delvaux observou que a questão do consumo não suplantou a distinção qualitativa entre pobres e ricos (quatro em cada cinco trabalhadores ainda vivem constantemente em um nível de extrema pobreza). Mais significativamente, ele apontou que não há razão para se preocupar com se o proletariado participa ou não na organização social ou dos valores culturais, porque "já não existem tais valores". E ele acrescenta um ponto essencial de que a cultura atual... "cada vez mais separada da sociedade e da vida das pessoas (pintores pintando para outros pintores, romancistas escrevendo romances lidos apenas por outros romancistas sobre a impossibilidade de escrever um romance) não é, na medida em que é original, mais que uma constante auto-denúncia: uma denúncia da sociedade e da fúria contra a própria cultura (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2006a, p. 74).

Não adianta em nada o aumento do tempo livre, se este tempo está sendo utilizado para atividades vazias e controladas no intuito de satisfazer as necessidades de consumo da sociedade capitalista. Inclusive, os trabalhadores são incentivados ao consumo passivo de atividades em seu momento de lazer, tornando um momento vazio, que não enriquece a vida humana. "O vazio do lazer decorre do vazio da vida da sociedade atual, e não pode ser preenchido no quadro dessa sociedade. Este vazio é simultaneamente expresso e escondido por todo o espetáculo cultural" (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2006a, p. 74). Mas, então, se existe tempo disponível para se realizar atividades para além do trabalho e simultaneamente a maioria dessas atividades estimula o consumo passivo de mercadorias ou atividades controladas e vazias, qual seria a solução apontada pela IS?

Não há problema revolucionário de lazer — de um vazio a ser preenchido — mas um problema de tempo livre, de liberdade no tempo. Como já dissemos: "Pode-se não haver tempo gasto livremente até que possuamos as ferramentas modernas para o construção da vida cotidiana. O uso de tais ferramentas marcará o salto de uma arte revolucionária utópica a uma arte revolucionária experimental" (Debord, "Teses sobre a Revolução Cultural", Internationale Situationniste #1). A superação do lazer pelo desenvolvimento de uma atividade de livre criação-consumo só pode ser compreendida em relação com a dissolução das artes tradicionais — com sua transformação em modos superiores de ação que não rejeitam ou abolem a arte, mas realiza-a. É assim que a arte será superada, conservada e elevada a uma atividade mais complexa. Seus elementos tradicionais ainda podem estar parcialmente presentes, mas transformados, integrados e modificados na sua totalidade (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2006a, p. 75).

Podemos perceber que o lazer, para a Internacional Situacionista, deve ser superado, pois não seria uma "atividade de livre criação-consumo". Contudo, essa

superação envolve a transformação radical da vida cotidiana e da arte. É impossível, por conseguinte, nos limites da sociedade burguesa, exercer uma atividade sem que esta não seja controlada, vazia, e executada de forma passiva. Por conseguinte, temos que lutar para transformar essa sociedade radicalmente e, só assim, poderíamos vislumbrar utilizar o tempo livre de forma autoconsciente e enriquecedora.

Já no artigo *Instruções para uma Insurreição*, a Internacional Situacionista levanta algumas reflexões sobre a organização revolucionária e sobre os principais obstáculos que a mesma encontraria em sua luta contra a sociedade capitalista. Um dos assuntos tematizados neste texto é a necessidade de uma revolução da vida cotidiana, e que seria importante as organizações revolucionárias levarem em consideração esta necessidade para se reinventar. O “lazer vazio” ilustraria a importância do desenvolvimento do marxismo ao abordar a vida cotidiana.

A experiência do lazer vazio produzido pelo capitalismo moderno forneceu uma correção crítica à noção marxista da extensão do tempo de lazer: agora está claro que a plena liberdade do tempo requer antes de tudo uma transformação do trabalho e a apropriação desse trabalho tendo em vista objetivos e condições totalmente diferentes das do trabalho forçado que prevaleceu até agora (veja a atividade dos grupos que publicam *Socialisme ou Barbarie* na França, *Solidarity* na Inglaterra e *Alternative* na Bélgica). Mas aqueles que colocam toda a ênfase na necessidade de mudar o próprio trabalho, de racionalizá-lo e de nele interessar as pessoas, e que não prestam atenção ao conteúdo livre da vida (isto é, o desenvolvimento de um poder criativo materialmente equipado que vai além das tradicionais categorias de tempo de trabalho e tempo de descanso e lazer) correm o risco de fornecer uma cobertura ideológica para uma harmonização do atual sistema de produção no sentido de uma maior eficiência e rentabilidade sem de modo algum pôr em causa a experiência desta produção ou a necessidade deste tipo de vida. A construção livre de todo o espaço-tempo da vida individual é uma exigência que terá de ser defendida contra toda sorte de sonhos de harmonia nas mentes dos aspirantes a gestores da reorganização social (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2006b, p. 85).

Mais uma vez, o lazer é indicado como uma atividade vazia, o que mostra que a extensão do tempo disponível fora do trabalho não significa necessariamente mais liberdade para os seres humanos. Logo, seria necessário tanto transformar o trabalho (para que este não seja forçado, alienado) quanto a vida cotidiana, enriquecendo-a, dado que aqueles militantes que apenas tentam deixar o trabalho mais agradável, correrão o risco de apenas fornecer mais eficiência e rentabilidade ao modo de produção capitalista.

A criatividade e a participação das pessoas só podem ser despertadas por um projeto coletivo explicitamente preocupado com todos os aspectos da experiência vivida. A única maneira de “despertar as massas” é expor o espantoso contraste entre as construções potenciais da vida e a atual pobreza da vida. Sem uma crítica da vida cotidiana, uma organização revolucionária é um meio separado, tão convencional e, em última análise, tão passivo quanto os campos de férias que são o terreno especializado do lazer moderno. Sociólogos, como Henri Raymond em seu estudo sobre Palíuro, mostraram

como em tais lugares o mecanismo espetacular recria, no nível do jogo, as relações dominantes da sociedade como um todo. Mas então eles ingenuamente elogiam a "multiplicidade de contatos humanos", por exemplo, sem ver que o mero aumento quantitativo desses contatos os deixa tão insípidos e inautênticos quanto em qualquer outro lugar. Mesmo no grupo revolucionário mais libertário e anti-hierárquico, a comunicação entre as pessoas não é de forma alguma garantida por um programa político compartilhado. Os sociólogos naturalmente apóiam os esforços para reformar a vida cotidiana, ou organizar uma compensação para ela nas férias. Mas o projeto revolucionário não pode aceitar a noção tradicional de jogo, a noção de um jogo limitado no espaço, no tempo e na profundidade qualitativa. O jogo revolucionário — a criação da vida — se opõe a todas as lembranças de jogos passados. Para proporcionar uma pausa de três semanas do tipo de vida levado durante quarenta e nove semanas de trabalho, as vilas de férias do Club Med se baseiam em uma ideologia polinésia de má qualidade — um pouco como a Revolução Francesa apresentando-se sob a forma da Roma republicana, ou como os revolucionários de hoje que se definem principalmente de acordo com o quão bem eles se encaixam no partido bolchevique ou em algum outro estilo de papel militante. A revolução da vida cotidiana não pode tirar sua poesia do passado, mas apenas do futuro (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2006b, p. 85).

A questão é transformar radicalmente o conjunto da sociedade, e não apenas modificar alguns elementos dela: o lazer deve ser criticado e superado, mas este objetivo é conquistado através da abolição do trabalho alienado<sup>1</sup>, que generaliza o controle e a passividade para as demais relações sociais.

Já o artigo *Perspectivas para Mudanças Conscientes na Vida Cotidiana* é a transcrição de uma palestra dada por Debord. Uma curiosidade sobre essa palestra é que Debord não compareceu pessoalmente à ela, mas apenas entregou um gravador com sua fala, sendo esta uma prática comum dos situacionistas como forma de questionar a formalidade dessas conferências acadêmicas, que são, elas mesmas, parte da vida cotidiana, o que, na perspectiva situacionista, devem também serem questionadas e criticadas. Nesta palestra, Debord aborda a necessidade de estudar a vida cotidiana

---

<sup>1</sup> Em um artigo escrito por Debord e Canjuers a necessidade de uma revolução total e radical é explicitado: "O movimento revolucionário não pode ser nada menos do que a luta do proletariado pela dominação real e transformação deliberada de todos os aspectos da vida social — começando com a gestão da produção e do trabalho pelos próprios trabalhadores, decidindo tudo diretamente. Tal mudança implicaria imediatamente uma transformação radical da natureza do trabalho e o desenvolvimento de novas tecnologias destinadas a garantir o domínio dos trabalhadores sobre as máquinas. **Essa transformação radical do sentido do trabalho levará a uma série de consequências, sendo a principal, sem dúvida, o deslocamento do centro de interesse da vida do lazer passivo para o novo tipo de atividade produtiva.** Isso não significa que da noite para o dia todas as atividades produtivas se tornarão em si mesmas apaixonantemente interessantes. Mas trabalhar para torná-los assim, por meio de uma reconversão geral e contínua dos fins e dos meios do trabalho industrial, será, em todo caso, a paixão mínima de uma sociedade livre. Em tal sociedade, todas as atividades tenderão a misturar a vida anteriormente separada entre lazer e trabalho em um fluxo único, mas infinitamente diversificado. Produção e consumo se fundirão e serão superados no uso criativo dos bens da sociedade" (CANJUERS; DEBORD, 2006, p. 391).

visando transformá-la, criticando diversos autores que a abordam de um ponto de vista descritivo. Inclusive, Debord critica aqueles que enxergam o lazer como a negação do cotidiano e reflete sobre o que seria “tempo perdido”.

Se considerarmos toda a extensão da crise da sociedade contemporânea, **não creio que seja possível ainda encarar o lazer como uma negação do cotidiano**. Admitiu-se até aqui que é preciso “estudar o tempo perdido”. Mas vejamos então o movimento recente desta ideia de tempo perdido. Para o capitalismo clássico, o tempo perdido é aquele que é exterior à produção, à acumulação, à poupança. A moral laica, ensinada nas escolas da burguesia, implantou esta regra de vida. Mas acontece que, por uma reviravolta inesperada, o capitalismo moderno precisa aumentar o consumo e “elevar o padrão de vida” (tendo em conta que essa expressão é completamente sem sentido). Como ao mesmo tempo as condições de produção, compartimentadas e cronometradas ao extremo tornaram-se indefensáveis, a nova moral já veiculada na publicidade, propaganda e todas as formas do espetáculo dominante agora admite francamente que **o tempo perdido é o tempo gasto no trabalho, cuja única finalidade é ganhar o suficiente para comprar descanso, consumo e lazer — isto é, uma passividade cotidiana fabricada e controlada pelo capitalismo**. Se encararmos agora o caráter artificial das necessidades do consumo que a indústria moderna cria a partir do zero e estimula sem cessar — se reconhecermos o vazio do lazer e a impossibilidade do descanso —, podemos pôr a questão de maneira mais realista: o que não seria tempo perdido? Ou, em outras palavras, o desenvolvimento de uma sociedade de abundância deveria levar à abundância de quê? Quando, por exemplo, em um desses jornais onde se exhibe o pensamento flácido dos “intelectuais de esquerda” (France-Observateur), lê-se um título como “o carro pequeno para conquistar o socialismo” encabeçando um artigo que explica que hoje os russos estão começando a perseguir um consumo privado de bens ao estilo americano, começando naturalmente pelos carros, não se pode deixar de pensar que não é preciso ter dominado Hegel e Marx para perceber que um socialismo que cede diante de uma invasão do mercado por carros pequenos não é de forma alguma o socialismo pelo qual o movimento operário lutou. Os governantes burocráticos da Rússia devem ser combatidos não por causa de suas táticas ou dogmas particulares, mas fundamentalmente porque o significado da vida das pessoas não mudou realmente. E este não é um destino obscuro e inevitável de uma vida cotidiana supostamente fadada a permanecer reacionária. É um destino imposto à vida cotidiana de fora pela esfera reacionária de governantes especializados, independentemente do rótulo sob o qual planejam e regulam a pobreza em todos os seus aspectos (DEBORD, 2006c, p. 96-97).

Debord afirma que o lazer não é a negação do cotidiano. E para fundamentar esta afirmação, reflete sobre o que seria o tempo perdido. Antes, no “capitalismo clássico”, o tempo perdido era considerado o tempo dedicado fora do trabalho. Isto é, o discurso predominante era que o trabalho seria a forma mais contundente de se utilizar o tempo, pois, quanto mais se trabalhava mais se ganhava dinheiro, acumulava e aumentava a poupança. No entanto, com o desenvolvimento do capitalismo, o “tempo perdido” começou a ser ironicamente o tempo dedicado ao trabalho, pois, além do trabalho começar a ser encarado como algo ainda mais mortificante e controlado, cresceu a necessidade do capitalismo em aumentar o consumo da população em geral. Dessa forma, o tempo dedicado ao trabalho é recompensado pela possibilidade de comprar descanso,

consumo e lazer. Neste sentido, começou-se a questionar o que significaria, de fato, o uso do tempo para o lazer. Seria realmente o lazer a negação do cotidiano? Seria o lazer algo que enriquece a vida humana? A resposta é negativa: o lazer é uma passividade cotidiana fabricada e controlada pelo capitalismo, no intuito de satisfazer suas necessidades de reprodução. Assim, é necessário combater a vida cotidiana, não através do lazer, mas, pelo contrário, através também da crítica ao lazer e da vida cotidiana em geral.

Isso fica ainda mais evidente no artigo *Questionário*, onde os integrantes da IS respondem algumas perguntas sobre eles mesmos, tais como o que significa a palavra “situacionista”, se a Internacional Situacionista é uma organização artística ou política, se eles são marxistas, entre outras. Ao serem perguntados se os situacionistas estão na vanguarda da “sociedade do lazer”, eles responderam:

A sociedade dos lazer é uma aparência que encobre completamente um certo tipo de produção-consumo do espaço-tempo social. Reduzindo-se o trabalho produtivo propriamente dito, o exército de reserva da vida industrial vai trabalhar para o consumo. Toda a gente é sucessivamente operário e matéria-prima na indústria das férias, dos lazeres, do espectáculo. O trabalho existente é o alfa e o ómega da vida existente. A organização do consumo mais a organização dos lazeres, tem de equilibrar exatamente a organização do trabalho. O “tempo livre” é uma medida irônica no decorrer de um tempo pré-fabricado. Rigorosamente, deste trabalho só pode resultar este lazer, tanto para a elite ociosa — na realidade, cada vez mais semi-ociosa — como para as massas que acedem aos ócios momentâneos. Não há barreira de chumbo que possa isolar uma fração de tempo, ou o tempo completo numa fracção da sociedade, da radioatividade que o trabalho alienado dissemina; quanto mais não seja no sentido em que é este que modela a totalidade dos produtos e da vida social, desta maneira e de nenhuma outra (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 1997, p. 164).

O trabalho alienado, que domina todas as esferas da sociedade capitalista, engendra o lazer como também um conjunto de atividades controladas, tanto para as classes superiores quanto para as classes inferiores. Enquanto existir trabalho alienado existirão outras atividades também controladas, sendo que o lazer não seria uma exceção. A disponibilidade de tempo para se dedicar ao lazer, na verdade, é algo fabricado pelas necessidades do capitalismo para que este se conserve através do aumento do consumo da população em geral. Dado isso, a IS aponta a necessidade da revolução total e radical, inclusive abarcando a vida cotidiana.

Estes sete textos já citados apresentam, de forma mais completa, a noção de lazer da Internacional Situacionista. Existem outros textos que mencionam o lazer, mas estes são os que mais se aprofundam no tema e, por esse motivo, citamos apenas eles. No entanto, apenas para exemplificar algumas atividades que podem ser consideradas parte do lazer, julgamos importante citarmos também um outro texto publicado na revista:

“Levado em conta o embrutecimento que o rádio, a televisão, o cinema e o resto mantêm atualmente, a expansão dos lazeres sob outro regime há de suscitar iniciativas mais ousadas” (KHATIB, 2003d, p. 84). Através da análise desses oito textos que foram expostos, tornamo-nos capazes de descobrir o significado implícito de lazer para esta organização.

### **O Sobrescrito: O contexto social, cultural e discursivo**

Antes de passarmos para a análise do que está oculto e implícito no discurso da Internacional Situacionista, é necessário também apreender as determinações externas que possibilitaram sua constituição. Por isso, torna-se necessário entender o regime de acumulação conjugado (período em que as obras da IS foram constituídas); o paradigma hegemônico desta época - o reprodutivismo; bem como a relação da IS com este paradigma hegemônico e as relações entre os membros internamente da organização.

No intuito de compreender a época em que a IS produz suas obras, devemos ter em mente que esta organização produz suas obras em um período específico do capitalismo e que o capitalismo se caracteriza essencialmente pela extração de mais-valor pela burguesia sobre o proletariado no processo de produção, gerando uma acumulação de capital que fornece, por conseguinte, a dinâmica deste modo de produção. Para assegurar a acumulação de capital são necessárias condições específicas para tal, o que significa a repressão do proletariado e a estabilidade relativa das lutas de classes. Pode-se chamar essa “estabilidade relativa das lutas de classes” de *regime de acumulação*, que “se expressa em determinada forma de organização do trabalho, determinada forma de organização estatal e determinada forma de relações internacionais” (VIANA, 2009, p. 38).

A acumulação de capital também gera a queda da taxa de lucro médio (MARX, 1988) e a resistência proletária ante a exploração (VIANA, 2019). Estas duas tendências se reforçam mutuamente, o que pode gerar uma crise no regime de acumulação, radicalizando as lutas de classes. Se o proletariado sair vitorioso desta crise, ocorre uma revolução; se a burguesia sair vitoriosa, há a instauração de um novo regime de acumulação, uma mudança no interior de uma permanência (VIANA, 2009). A história do capitalismo é, portanto, a sucessão de regimes de acumulação. A Internacional Situacionista produz suas principais obras abordando o lazer (1958-1964) no regime de acumulação conjugado, que se caracteriza pelo

fordismo [que] buscava ampliar a extração de mais-valor relativo no bloco imperialista e extração de mais-valor absoluto no bloco subordinado, que foi

complementado pelo estado integracionista (welfare state) e pela expansão oligopolista transnacional (VIANA, 2009, p. 33).

O regime de acumulação conjugado começa a entrar em crise a partir da década de 1960 em decorrência do declínio da taxa de lucro médio (HARVEY apud VIANA, 2019) em conjunto com as lutas sociais (VIANA, 2019). A solução desta crise de um ponto de vista da burguesia seria

umentar a taxa de exploração e isso significava substituir o fordismo por uma nova forma de valorização, bem como seria necessário adequar o aparato estatal a esta nova situação e colaborar com esse processo, tanto no âmbito das políticas econômicas de assistência social, quanto na corrosão de direitos trabalhistas. Essa necessidade se complementava com a busca de aumento da exploração internacional. Em síntese, o regime de acumulação não se sustentava mais e era necessário substituí-lo (VIANA, 2019, p. 236).

No regime de acumulação conjugado existiu um estímulo ao consumo por meio de políticas estatais de aumento de renda (como o sistema de crédito, por exemplo), possibilitando que as classes inferiores se dedicassem mais ao consumo e ao lazer. Por isto, nesta época, existiu uma discussão em torno do que seria o consumo e o lazer. Com a crise desse regime de acumulação, no entanto, a permanência dessas políticas estatais de aumento de renda não poderia mais persistir. Contudo, a diminuição da capacidade de consumo das classes inferiores não foi a determinação fundamental para que ocorressem lutas sociais que questionariam o capitalismo. O regime de acumulação conjugado conseguiu uma estabilidade relativa entre 1950 e 1960, quando inicia seu enfraquecimento. No entanto, essa estabilidade de dez anos se deu principalmente nos países de capitalismo imperialista, uma vez que esta estabilidade era garantida pela transferência de mais-valor dos países de capitalismo subordinado para os países de capitalismo imperialista. Existiram, por conseguinte, lutas autônomas e radicalizadas em alguns países de capitalismo de estado (“socialismo real”), bem como nos países de capitalismo subordinado, exatamente por conta da exploração do proletariado pelo capital oligopolista transnacional.

Ao lado da queda da taxa de lucro médio, ocorreram fenômenos associados e simultâneos, como a guerra do Vietnã, e a luta por independência dos países africanos, que desestabilizaram a transferência de mais-valor dos países de capitalismo subordinado, ou seja, a exploração internacional foi desestabilizada. A queda da taxa de lucro médio, bem como a desestabilização da exploração internacional foram algumas determinações que geraram a crise do regime de acumulação conjugado e a radicalização das lutas de classes que influenciaram a própria Internacional Situacionista.

Outro elemento importante para compreender o contexto cultural da época é saber quais as ideias vigentes neste período histórico. Uma vez que a historicidade do

capitalismo é marcada pela sucessão dos regimes de acumulação, conservando sua essência que é a extração de mais-valor; a história do pensamento hegemônico burguês é a sucessão de paradigmas que correspondem com estes regimes de acumulação, conservando a base desse pensamento que é a episteme burguesa. A episteme é um modo de pensar que se fundamenta em determinada mentalidade. É um modo de constituição do pensamento, que gera um campo linguístico, um campo axiomático, um campo analítico e um campo perceptivo. A episteme burguesa se caracteriza fundamentalmente por ser anistórica, antinômica e reducionista (VIANA, 2018). Já os paradigmas hegemônicos são manifestações concretas da episteme burguesa que correspondem com os regimes de acumulação, gerando campos linguísticos, axiomáticos e analíticos paradigmáticos, que dão penteados novos para a mesma episteme burguesa. No caso do regime de acumulação conjugado (1979), o paradigma hegemônico era o paradigma reprodutivista. Este paradigma pode ser definido como

um paradigma voltado para a naturalização da reprodução através de uma concepção holista e objetivista, revalorando a ciência e a razão instrumental, bem como atendendo à necessidade de integração social, especialmente do proletariado, e recusando a história (VIANA, 2019, p. 230).

Diante destas considerações sobre o contexto social e cultural, devemos avançar para o contexto discursivo. Primeiramente, devemos compreender que a Internacional Situacionista, como uma organização política, se posicionava diante das relações sociais em que se inseria. Mas, como esta organização se pretendia revolucionária, e era influenciada pelo marxismo autêntico, suas ideias não eram hegemônicas e, além disso, combateu o que existia de hegemônico da época. Por isso, podemos notar, muitas vezes, polêmicas em relação a outras organizações políticas, ou intelectuais hegemônicos da época (CONCEIÇÃO, 2014). No caso específico do lazer, Debord cita os “sociólogos de esquerda” ironizando-os, pois estes defendiam o reformismo.

O chavão mais superficial e constantemente reiterado dos sociólogos de esquerda nos últimos anos é que o lazer se tornou um fator importante na sociedade capitalista avançada. Esta banalidade é a base de inúmeras debates a favor ou contra a importância de uma elevação reformista do padrão de vida, ou da participação dos trabalhadores nos valores predominantes da sociedade na qual estão se integrando cada vez mais (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2006a, p. 74).

E também, podemos perceber que a radicalização das lutas de classes influenciou a Internacional Situacionista, trazendo mudanças na concepção dessa organização. Por isso, os últimos escritos sobre lazer da Internacional Situacionista são mais maduros e radicais do que os anteriores à década de 60.

A cidade, até 1962, teve importância central na fundamentação do processo revolucionário para a Internacional Situacionista, passando, após este período, a ter uma posição marginal, já que o urbanismo, antes considerado em seu aspecto revolucionário, passa a ser entendido como uma ideologia. As artes, que até 1962, tinham peso tão grande ou até maior que a cidade, passaram por um processo semelhante de marginalização. No entanto, a posição situacionista não foi de considerá-las uma ideologia, mas de compreender que somente as artes não seriam as únicas responsáveis por levar as pessoas à Revolução, mas sim, que elas seriam um elemento de apoio nesta caminhada. Tanto que os situacionistas continuaram a publicar quadrinhos com aspectos críticos, fizeram filmes e escreveram um pequeno manual na sua revista de nº 11 - Os situacionistas e as novas formas de ação na política e na arte – como meio de absorver as mudanças acontecidas na IS após 1962. Desde a sua fundação, os situacionistas, mesmo não recorrendo em um primeiro momento às teses marxistas, já almejavam, com as suas atividades, a construção de uma sociedade sem classes, baseada no que Marx chamou de “sociedade livre e igual dos produtores”. Em sua primeira fase, acreditavam ser possível alcançar essa sociedade através do que denominavam de jogos revolucionários, que eram práticas baseadas nas suas técnicas urbanas e artísticas que vislumbravam a crítica do capital e a incitação para a criação de uma nova vida cotidiana. Porém, com o amadurecimento das análises que vinham sendo feitas, na revista, a entrada de novos membros no grupo, o expurgo do grupo puramente artístico e, acima de tudo, o contato com outros grupos (como o “Socialismo ou Barbárie”) e outros intelectuais (como Henri Lefebvre) abriu as portas do marxismo e um novo tipo de percepção sobre a revolução aportada na IS. É preciso frisar que, apesar da nova noção de revolução que a IS passou a trabalhar, baseada em uma noção mais “tradicional” marxista, nunca abandonaria sua premissa de que a revolução partia da vida cotidiana e que a mudança de mentalidade era fundamental para a vitória da revolução. [...] Os conselhos operários aparecem para a IS como os responsáveis pelo processo de criação da nova sociedade. Visto que, ao mesmo tempo em que se portavam como uma unidade de produção, também carregavam o embrião da nova sociedade sem classes, uma vez que a regulação das relações, no interior do conselho, ocorreria de forma horizontal, sem a divisão entre dirigentes e dirigidos, algo tão caro ao partido e ao sindicato. Ao mesmo tempo em que os situacionistas começaram a fazer a defesa dos conselhos operários como forma de organização, seu ataque às estruturas do capital e suas formas organizativas tornaram-se mais fortes e contundentes” (CONCEIÇÃO, 2015, p. 342-343).

Resumidamente, a Internacional Situacionista produziu suas obras sobre o lazer no interior do regime de acumulação conjugado e, como uma organização que se pretendia revolucionária, combatia o que existia de hegemônico da época. Com o enfraquecimento do regime de acumulação conjugado e com a radicalização das lutas de classes, há uma mudança no interior da organização que influenciou em suas produções intelectuais, inclusive sobre o lazer. A partir disso, podemos avançar para o último momento da análise do discurso que é o subscrito.

### **O Subscrito: A Noção Implícita de Lazer da Internacional Situacionista**

A discussão em torno do lazer da Internacional Situacionista não é realizada apartada das relações sociais. Por isso, ela ocorre em consonância com a importância que este tema obteve com o regime de acumulação conjugado que possibilitou um aumento

da renda, consumo e tempo para lazer das classes inferiores. Os sociólogos e outros intelectuais hegemônicos buscaram compreender o lazer de um ponto de vista reformista que tornava propício à reprodução do capitalismo. Já a Internacional Situacionista, combatendo este ponto de vista, defendeu a necessidade de se pensar criticamente este fenômeno.

Primeiramente, podemos perceber que a discussão sobre o lazer da Internacional Situacionista está conectada com a discussão sobre o “tempo livre”, isto é, o tempo disponível para além do tempo dedicado ao trabalho. Este “tempo livre”, de acordo com a IS, seria um tempo fabricado pelo capitalismo, pois foi necessário aumentar o tempo disponível para o consumo de mercadorias da população em geral. Assim, a vida cotidiana se modificou ao diminuir o tempo de trabalho, pois o capitalismo fabricou novas atividades destinadas para este novo tempo disponível. Essas novas atividades, no entanto, assim como o trabalho existente na sociedade capitalista, são controladas e executadas de forma passiva. Entre essas atividades, além do lazer, foram citadas o descanso, o consumo, as artes, o ócio. Portanto, já podemos concluir que, de acordo com a IS, o lazer se difere de todas essas outras atividades.

Em segundo lugar, é apontado a necessidade de superar o lazer em prol de atividades de “livre criação-consumo”, bem como de “novas atividades produtivas”, o que nos faz pensar que o lazer seria constituído por atividades controladas, executadas de forma passiva. No texto de Jorn, já citado anteriormente, o capitalismo incentiva a execução de “pseudojogos ridículos” neste tempo de lazer. No artigo *Instruções para uma Insurreição*, os “campos de férias” seriam o terreno especializado do “lazer moderno”. E, por fim, no texto de autoria de Khatib, como vimos acima, há a exemplificação de atividades que seriam consideradas lazer: o rádio, a televisão, o cinema. A preocupação com o enriquecimento da vida humana, da necessidade da criação de atividades produtivas e do fim das atividades controladas revela o humanismo da Internacional Situacionista.

Em terceiro lugar, podemos perceber que, com a radicalização das lutas de classes a partir da década de 60, a passividade do lazer e seu controle passa a ser produto, na concepção da IS, do trabalho alienado, o que antes não era indicado. Portanto, o lazer deve ser abolido e isso se daria com a abolição daquilo que o gera - o trabalho alienado. Podemos perceber aqui um maior avanço da organização ao apontar aquilo que geraria o lazer de forma concreta e não mais de forma metafísica e abstratificada. No entanto, outra

influência da radicalização das lutas de classes é a necessidade de abordar outros temas mais relevantes para aquele momento, sendo que o lazer perde importância no interior da organização. Por conseguinte, o lazer é abordado poucas vezes após 1962.

Isto posto, podemos concluir que o lazer, para a Internacional Situacionista, é um conjunto de atividades de entretenimento ou diversão, controlados e fabricados no intuito de reproduzir o capitalismo, sendo executadas passivamente pelos seres humanos e, desse modo, ao se praticar o lazer, garantiria-se a conservação do capitalismo e a pobreza da vida humana. Em decorrência destas atividades de entretenimento ou diversão não contribuiriam para o enriquecimento do ser humano e, na verdade, seriam um produto do trabalho alienado que o reforça e o legitima, a Internacional Situacionista afirma que o lazer é também vazio e deve ser superado. Em seu lugar, deve-se constituir novas atividades de livre criação e consumo ou novas atividades produtivas, isto é, atividades que sejam práxis.

A forma encontrada pela Internacional Situacionista para que ocorra a superação do lazer é através da abolição do trabalho alienado, uma vez que é este que geraria as outras atividades controladas da sociedade capitalista. É importante perceber que a discussão sobre lazer realizada pela IS se remeteu também ao tempo disponível afastado do trabalho.

O “tempo livre” do trabalho, na verdade, não representa, no capitalismo, mais liberdade, mais humanização ou vida. Pelo contrário, representa ainda mais controle, passividade, desumanização e mortificação e apenas foi gerada no intuito de reproduzir o regime de acumulação conjugado e, por conseguinte, o capitalismo em si. A crítica ao lazer efetuada pela Internacional Situacionista vem acompanhada pela crítica da vida cotidiana, do trabalho alienado, do controle, enfim, da sociedade capitalista em geral e é expressão do humanismo.

### **Referências**

ALMEIDA, Felipe Mateus. *O Conceito de Lazer: uma análise crítica*. *Revista Novos Rumos Sociológicos*, vol. 9 nº 16, 2021.

CANJUERS, Pierre; DEBORD, Guy. Preliminares para uma Definição da Unidade do Programa Revolucionário. In: KNABB, Ken (Ed. e Trad.). *Situationist International Anthology*. Berkeley: Bureau of Public Secrets, 2006.

CONCEIÇÃO, Marcus Vinícius Costa da. *Os Conselhos Operários e a Revolução nas Práxis da Internacional Situacionista (1957 – 1972)*. *Revista de História da UEG*, v.4, n.2, 2015.

CONCEIÇÃO, Marcus Vinícius Costa da. *A Relação da Internacional Situacionista com os Intelectuais de seu Tempo*. Revista Despierta, Curitiba, ano 01, número 01, 2014.

DEBORD, Guy. Perspectivas para uma Mudança Consciente da Vida Cotidiana. In: KNABB, Ken (Ed. e Trad.). *Situationist International Anthology*. Berkeley: Bureau of Public Secrets, 2006c.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia Empírica do Lazer*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

HENRIQUES, Júlio. *Internacional Situacionista: Antologia*. Amsterdã: Antígona, 1997.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. O Uso do Tempo Livre. In: KNABB, Ken (Ed. e Trad.). *Situationist International Anthology*. Berkeley: Bureau of Public Secrets, 2006a.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Instruções para uma Insurreição. In: KNABB, Ken (Ed. e Trad.). *Situationist International Anthology*. Berkeley: Bureau of Public Secrets, 2006b.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Questionário. In: HENRIQUES, Júlio. *Internacional Situacionista: Antologia*. Amsterdã: Antígona, 1997.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Manifesto. In: JACQUES, Paola (org). *Apologia da Deriva: escritos Situacionistas sobre a Cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003c.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Contribuição Para Uma Definição Situacionista De Jogo. In: JACQUES, Paola (org). *Apologia da Deriva: escritos Situacionistas sobre a Cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003b.

JORN, Asger. Os Situacionistas e a Automação. In: JACQUES, Paola (org). *Apologia da Deriva: escritos Situacionistas sobre a Cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003a.

KHATIB, Abdelhafid. Esboço de Descrição Psicogeográfica dos Les Halles de Paris. In: JACQUES, Paola (org). *Apologia da Deriva: escritos Situacionistas sobre a Cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003d.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. *O Capital*. Vol. 01, 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

VIANA, Nildo. *Políticas de Saúde no Brasil e discurso legislativo: uma análise dialética do discurso*. Rio de Janeiro: Saramago, 2019.

VIANA, Nildo. *O Modo de Pensar Burguês: Episteme Burguesa e Episteme Marxista*.

Curitiba: CRV, 2018a.

VIANA, Nildo. Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas. Curitiba: CRV, 2019.

**Resumo:** O presente artigo discute a noção de lazer para a Internacional Situacionista. A partir de uma análise dialética do discurso, objetivamos reconstituir o que esta organização compreende por lazer. Para a análise dialética do discurso, existe uma unidade entre o ser e sua consciência. Sendo assim, devemos entender as relações sociais constituídas por esse “ser” — que são, no nosso caso, os membros da Internacional Situacionista —, visando compreender sua consciência. No entanto, como a Internacional Situacionista não possui nenhum texto no qual discute o conceito de lazer de forma mais profunda e detalhada, efetuamos uma análise rigorosa do uso deste termo no conjunto da revista publicada por esta organização (“Internationale situationniste”), o que nos permitiu entender o significado implícito de sua noção de lazer.

**Palavras-chave:** Internacional Situacionista, lazer, alienação.

**Abstract:** This article discusses International Situationist’s notion of leisure. Based on a dialectical discourse analysis, we aim to reconstitute what this organization understands by leisure. For the dialectic analysis of discourse, there is a unity between the being and its conscience. Therefore, we must understand the social relations established by this “being” — who are, in our case, the members of the Situationist International —, in order to understand their conscience. However, as the Situationist International does not have any text in which it discusses the concept of leisure in a deeper and more detailed way, carrying out a rigorous analysis of the use of this term in the whole of the magazine published by this organization (“Internationale Situaniste”), which allowed us to understand the implicit meaning of his notion of leisure.

**Keywords:** Situationist International, Leisure, Alienation.

\* Recebido em: 18/04/2023

\* Aceito em: 24/05/2023